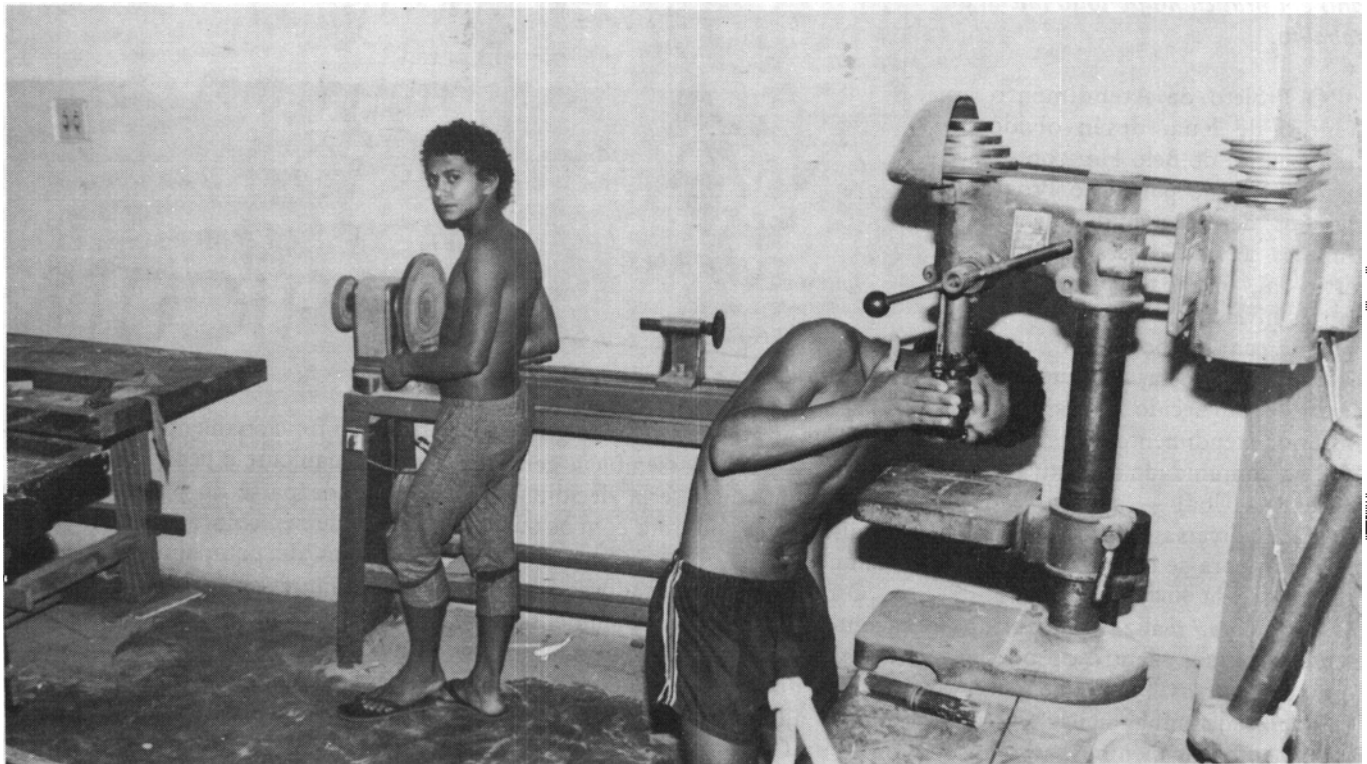




# Uma experiência de educação em meio aberto



*A aprendizagem de um ofício visa a geração de renda para o menor.*

**L**ares Abrigados ou Comunidade Educativa União é uma experiência de trabalho desenvolvida na Agência Central da FEBEM-MG por uma equipe de técnicos e estagiários pertencentes a quatro entidades: Fundo Cristão para Crianças (FCC), Centro Salesiano do Menor (CESAM), Associação Profissionalizante do Menor (ASSPROM) e Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM-MG). Este trabalho começou a ser desenvolvido em 1984, através da abordagem dos menores nos locais de fixação dos grupos de rua. Mais tarde, em 1986, foi criada a Comunidade Educativa União (mais conhecida como Casa da Rua Ubá ou, simplesmente, a Casa), na qual os menores de rua permanecem voluntariamente, durante o dia inteiro, desenvolvendo atividades recreativas, educativas, esportivas, de

primeiros socorros, oficinas de aprendizagem ocupacional (menores de 8 a 14 anos) ou preparação para um emprego (de 14 a 17 anos). O aspecto fundamental neste atendimento em meio aberto é que não existem regras impostas e nem preestabelecidas, mas o próprio estabelecimento de regras depende da decisão dos menores, tomada em conjunto com os funcionários, técnicos e demais envolvidos, através de Assembléias que fazem parte integrante do modo de existência e de funcionamento da Casa.

A importância deste trabalho não reside no número de menores atendidos (a capacidade é de 24 meninos e meninas de rua, num período estimado de 6 meses), mas na concretização de uma opção de trabalho viável que é contrária ao enclausuramento em grandes internatos, ainda predominantes como modelo de atendimento.

A equipe técnica é composta pelos psicólogos Juarez Alves, Walter Ernesto Ude Marques, Wellington Gonçalves Chaves e Maria Inês Mafrá Goulart; pelas assistentes sociais Aidê Silvéria Orsetti e Terezinha Bruzzi Malta; pelo professor Eduardo Sarquis Soares; pelo instrutor de atividades Nelson Antonio Alves Neto; e pela supervisora Marisa Estela Sanabria Tejera.

Alguns membros da equipe relatam nas páginas seguintes suas vivências e reflexões em três itens: 1) o projeto de atendimento conforme foi idealizado e está sendo posto em prática; 2) a descrição de todas as atividades desenvolvidas durante um dia inteiro na Casa; 3) uma avaliação ou autocrítica do trabalho em andamento desde o ponto de vista do funcionamento da equipe técnica.



## Qual é o projeto da Casa?

Os técnicos Aidê S. Orsetti, Juarez Alves e Terezinha B. Malta explicam como se iniciou o projeto e quais são os seus desdobramentos ao ser colocado em prática no período inicial de trabalho:

“O Projeto de Atendimento ao Menino de Rua, desenvolvido na Área Central de Belo Horizonte, teve como ponto de partida o Programa Meninos de Rua, cujo objetivo foi conhecer a vida desses meninos. A partir daí, o trabalho foi planejado em três níveis:

1) **na rua** — abordagem, apresentação da proposta, manutenção do vínculo estabelecido e triagem para posterior atendimento;

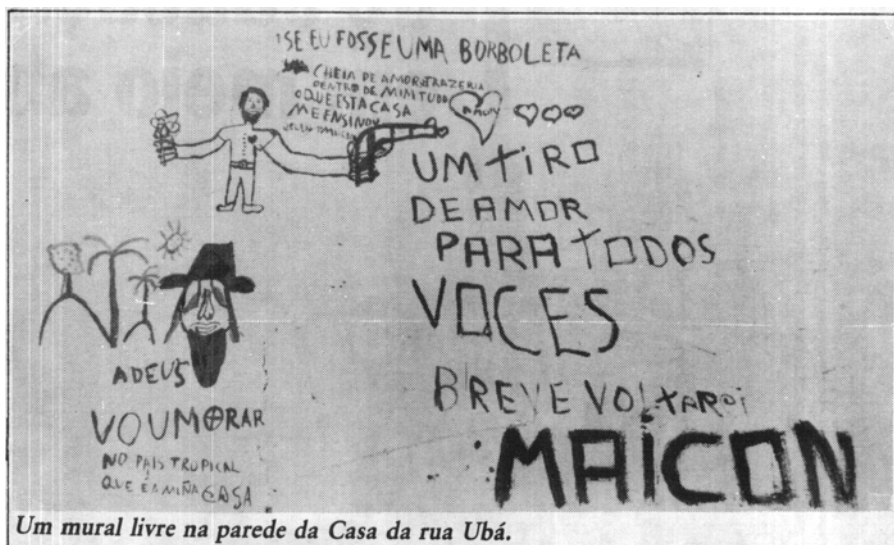
2) **na comunidade educativa** (a Casa da Rua Ubá) — participação em atividades diversas, visando preparar o menino para se inserir nos serviços prestados pela sociedade e, tendo estas condições, realizar encaminhamentos diversos, dentro do possível: empregos, cursos, família etc.;

3) **após encaminhamento** — acompanhamento dos meninos, ao se inserirem em novo espaço de vida, através de instituições que prestam serviços junto à comunidade, ou feito diretamente pelos educadores da agência.

### O projeto posto em prática

Durante o desenvolvimento do projeto, efetuaram-se modificações nas várias etapas.

A abordagem do menino aconteceu, inicialmente, na rua, durante o primeiro mês. A partir de então, os educadores passaram a atuar apenas na comunidade educativa (a Casa da Rua Ubá). Inovou-se, na prática, a abordagem de novos meninos na Casa, permitindo-se sua presença como visitantes. Assim, um menino deseioso de conhecer a Casa era convidado a visitá-la por um de seus frequentadores. De acordo com a lei de horário, chegava até às 9 horas, sendo recepcionado e cadastrado por um educador, que lhe expunha a programação do dia. O menino participava



Um mural livre na parede da Casa da rua Ubá.

de todas as atividades. Caso gostasse, retornava para a assembléia geral de 2ª feira, na qual seria decidida sua admissão, em conjunto com os outros meninos.

O retorno dos educadores à rua só acontece quando um menino se ausenta, sem justificativa, durante mais de três dias, ou quando se percebe alguma alteração do trânsito dos meninos da Casa.

Quanto à preparação dos meninos na Comunidade Educativa, inovou-se o planejamento de toda a programação da Casa, através da criação do espaço para as Assembléias (geral, na 2ª feira, e extraordinária, quando algum fato a exija).

Para não haver interferência na rotina da Casa, estabeleceu-se a lei para visita de colegas da rua: três tardes por semana.

### A geração de rendas e os encaminhamentos

Atualmente, encontra-se estruturado um programa de geração de renda. Ele consta de uma pequena oficina de marcenaria, artesanato em couro, fabricação e comercialização de ‘chupe-chupe’, montagem de uma fábrica de velas e participação em cursos negociados com a UTRAMIG como os de mecânica de autos, eletricitista instalador, manicure e pedicure, e salga-deira e doceira. Alguns já se encon-

tram em funcionamento: mecânica de autos, manicure e pedicure.

Grande parte do programa ainda não pôde ser colocado em execução por falta de equipamento e verbas para manutenção.

A respeito do programa de lazer da Casa, temos vivenciado um grande espaço para jogos diversos: pingue-pongue, peteca etc. Há ainda a opção da TV e a participação em atividades esportivas na comunidade: futebol, natação, corrida e outras.

Quanto a encaminhamentos, muito poucos foram possíveis. Vários meninos manifestaram o desejo de retornar à família, o que se explica provavelmente pelo fato de haverem encontrado uma relação de afeto com os educadores da Casa. Tentada a experiência, frustraram-se e retornaram ao convívio da Comunidade Educativa. A prática tem revelado a impossibilidade de uma retomada da convivência familiar, talvez em função do rompimento prolongado do elo afetivo e da situação econômico-financeira da família.

As dificuldades existentes não permitiram ainda o acompanhamento de alguns meninos que se desligaram da Agência. Continua sendo prioridade para a avaliação do trabalho realizado considerar sua validade através dos resultados apresentados pelo egresso da Casa”.